

O Nobel da economia do mundo real

■ Pesquisa sobre agentes econômicos dá prêmio a dupla americana. Um deles participa de seminário no Rio de Janeiro

GABRIELA MAFORT

Depois de premiar o canadense Robert Mundell em 1999 por sua contribuição a um tema macroeconômico – a criação da moeda única européia – a Real Academia Sueca de Ciências voltou-se este ano para o estudo de microeconomia – do “mundo real” das empresas e indivíduos – concedendo o Nobel de Economia em 2000 aos americanos James Heckman e Daniel McFadden. Eles realizaram pesquisas elaboradas de microeconomia, impulsionando a ciência através da qual se consegue traduzir em fórmulas matemáticas o comportamento social dos indivíduos.

James Heckman, que está no Brasil para um seminário do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), declarou-se surpreso com a premiação. Heckman recebeu a notícia ontem pela manhã no hotel em que está hospedado, através de um telefonema do presidente da Academia. “Pensei que fosse uma brincadeira. Minha mulher havia me ligado antes dizendo que atendera um telefonema de alguém com sotaque sueco, mas que não disse por que estava me procurando. Não sou do tipo que fica acordado todas as noites esperando ansioso o resultado do Nobel”, disse.

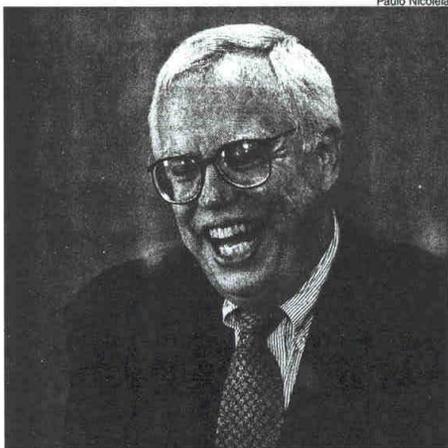
Elógio ao Brasil – Bem-humorado, o economista da Universidade de Chicago brincou dizendo que utilizará o dinheiro do prêmio (US\$ 922 mil que serão repartidos entre os dois vencedores) para pagar muitos impostos. “Mas não serão tantos impostos assim, porque o euro está em baixa”. Sobre o fato de ter recebido a notícia no Brasil, afirmou: “Fico muito contente. Gosto do Brasil,

já estive aqui outras vezes. Há muitos pesquisadores bons neste país. Os brasileiros devem apoiar mais as instituições que têm, uma vez que os latino-americanos têm a tendência de valorizar o que vem de fora”.

A premiação de Heckman foi elogiada pelos economistas brasileiros que estudam as questões sociais. Para **Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV, é “justa”, pois a partir de seus estudos foi possível inferir sobre em que tipo de política pública é melhor aplicar o dinheiro. O economista americano estudou, por exemplo, as consequências dos programas sociais sobre o emprego de negros nos Estados Unidos assim como a relação entre o nível da educação e os salários.**

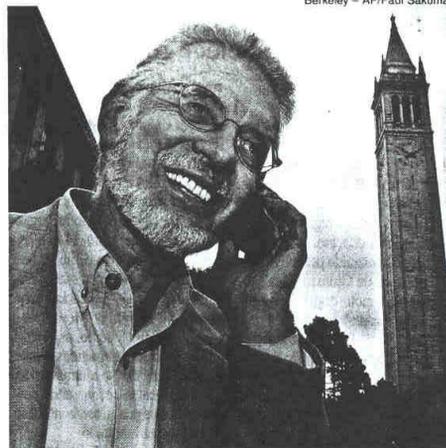
Contribuição – Para Aloísio Araújo, economista da FGV e do Instituto de Matemática Aplicada (Impa), o prêmio foi mais do que merecido. Araújo se disse pessoalmente contente com a notícia. “Heckman impulsionou o desenvolvimento da microeconomia, parte da economia que tenta medir o comportamento dos agentes econômicos, como firmas e indivíduos de maneira isolada, contribuição importante à ciência econômica”, afirmou o professor. Em outras palavras, a Microeconomia pode ser definida como a união da microeconomia, que estuda o comportamento dos indivíduos e empresas, com a econometria, que expressa a teoria econômica sob a forma de matemática, com a ajuda de métodos estatísticos.

Enquanto a contribuição de Heckman, de 56 anos, concentrou-se na área social, os trabalhos de Daniel McFadden, 63, da Universidade da Califórnia, refe-



Paulo Nicoletti

James Heckman estava no Brasil quando soube da premiação



Berkeley – AP/Paul Sakuma

McFadden fez pesquisa sobre impacto das tarifas telefônicas

Os vencedores da última década

| | |
|------|---|
| 2000 | James Heckman e Daniel McFadden (EUA) |
| 1999 | Robert Mundell (Canadá) |
| 1998 | Amartya Sen (Índia) |
| 1997 | R. Merton e M. Scholes (EUA) |
| 1996 | J. Mirrlees e W. Vickrey (EUA) |
| 1995 | R. Lucas Jr. (EUA) |
| 1994 | R. Selten (Alemanha), J. Harsanyi e J. Nash (EUA) |
| 1993 | R. Fogel e D. North (EUA) |
| 1992 | G. Becker (EUA) |
| 1991 | R. Coase (Grã-Bretanha) |

rem-se a temas variados, como por exemplo o impacto das mudanças de tarifas telefônicas sobre os clientes, o estabelecimento de modelos para determinar os critérios de escolha de uma residência e quantos usuários estão dispostos a pagar mais para melhorias das redes de transportes urbanos.

Pesquisa atual – Atualmen-

te, os estudos de James Heckman concentram-se em analisar a eficiência dos cursos supletivos. O economista quer avaliar até que ponto vale a pena os governos investirem em programas de supletivo se as exigências básicas para os alunos deste tipo de curso são disciplina e inteligência, que acabam tendo como resultado altas taxas de evasão.

Contra a regulamentação

O prêmio Nobel de Economia, James Heckman, é terminantemente contra os altos níveis de regulamentação do mercado de trabalho, tal qual ainda ocorre na América Latina e no Brasil. “A maioria das regulamentações é feita com boas intenções. Mas de boa intenção o inferno está cheio”, brincou o economista. Heckman destacou que a regulamentação é nociva porque favorece somente quem está empregado formalmente e prejudica quem está fora do mercado, que enfrenta barreiras na hora de conseguir emprego. “Para ajudar o emprego, é melhor dar um subsídio, por exemplo, aos mais velhos, que não têm condições de se atualizarem para se manterem no mercado do trabalho”, sugeriu.

Os recursos para os subsídios viriam da criação de um imposto sobre o trabalho. À medida que o mercado é desregulado, o número de empresas cresce e a base a ser taxada aumenta, de acordo com o economista, que citou o caso da Colômbia para confirmar sua tese. “Na Colômbia, quando ocorreu uma desregulamentação, houve um fluxo de firmas para o mercado. Poderia se taxar o trabalho, cuja base cresce com a flexibilização. Certamente, a regulamentação é um imposto também”, disse Heckman. O economista criticou os países da América Latina por não terem desenvolvido um programa de subsídios para o trabalho dos idosos e acrescentou que os sindicatos, que lutam em geral pelo aumento da regulamentação, acabam contribuindo para o aumento do desemprego. (G.M.)